

SAÚDE

SAÚDE

Brasil deverá ter centro de controle de doenças

Jose Paulo Lacerda/AE-21/1/2000

Futuro secretário de Vigilância em Saúde quer construir laboratório nos moldes americanos

LÍGIA FORMENTI

BRASÍLIA – O futuro secretário de Vigilância em Saúde, o epidemiologista Jarbas Barbosa, pretende construir em Brasília uma versão brasileira do Centro de Controle de Doenças (CDC), que funciona em Atlanta, nos Estados Unidos. Para ele, um laboratório de alta complexidade é uma arma indispensável para o País identificar agentes infecciosos que possam se tornar uma ameaça à saúde pública. “Dependemos do CDC para identificar alguns desses agentes. Perdemos um tempo precioso”, afirma. Atualmente na diretoria do Centro Nacional de Epidemiologia da Fundação Nacional de Saúde, Barbosa garante que doenças contagiosas nunca vão desaparecer. E contesta quem diz que o reaparecimento de infecções antes controladas é sinal de volta ao passado: “Elas ressurtem porque o mundo mudou. Temos de nos preparar. Ser rápidos e eficazes para combater antigos problemas como a cólera e novos, como a febre do Nilo, que recentemente surgiu nos EUA e já matou 34 pessoas.” A seguir, trechos da entrevista concedida ao Estado:

Estado – Como é possível falar em boa vigilância com a carência no País de laboratórios de ponta?

Jarbas Barbosa – Há alguns laboratórios-referência no País, que contam com uma boa infra-estrutura. Mas de fato há muito o que fazer. Hoje, para alguns casos, temos de enviar amostras para serem analisadas nos Estados Unidos. É um tempo precioso, que não podemos desperdiçar, por exemplo, no caso de um surto de doença hemorrágica. Além dis-

so, com o aumento do trânsito da população mundial, o aparecimento de focos de doenças “importadas” é cada vez mais comum. Não podemos ficar dependentes numa área tão importante.

Estado – Mas há verba para essa construção?

Barbosa – Há previsão de um financiamento do Banco Mundial, o VigiSus2, no total de US\$ 200 milhões. Acredito que com US\$ 10 milhões possamos construir o centro, com mais alto grau de biossegurança. Ou seja, onde seja possível analisar vírus e bactérias altamente agressivos, como o Ebola. Se tudo ocorrer como previsto, o centro brasileiro poderia entrar em funcionamento até 2005.

Estado – O País poderia ganhar dinheiro fazendo análises para outros centros?

Barbosa – Dinheiro não. Mas ganharíamos segurança. Uma epidemia em um país vizinho representa um perigo enorme. Basta lembrar o caso da cólera em 1991. Os primeiros casos começaram no Peru. Dois anos depois, o Brasil já registrava 63 mil casos. Se pudessemos detectar o problema, traçar estratégias certas, muitas vidas poderiam ter sido preservadas. E dinheiro também po-



“Os estudos epidemiológicos são indispensáveis para ver onde é preciso concentrar forças ou descartar fórmulas que não servem mais”

deria ter sido poupado. É só recordar o quanto o País teve de gastar com campanhas de prevenção.

Estado – E os laboratórios regionais? Pesquisadores e profissionais da área de infectologia se queixam da falta de centros capazes de fazer análises por meio de biologia molecular.

Barbosa – Pretendemos fortalecer o sistema de redes. Centros específicos, de referência, para alguns agentes infecciosos específicos. Nessa linha, a intenção é investir na melhoria de alguns centros. Dois deles – Evandro Chagas, do Pará, e Hélio Fraga, do Rio – terão seus níveis de biossegurança

elevados para o grau três ainda este ano. A intenção é investir R\$ 10 milhões para a melhoria de 12 laboratórios-chave.

Estado – Pesquisadores e analistas não se cansam de repetir que o Brasil é um país que não tem estatística.

Barbosa – Precisamos atualizar a agenda do País. Saber qual a incidência de algumas doenças, dos fatores de risco de outras. Ver, por exemplo, como é a obesidade em diversas regiões, o sedentarismo, o fumo. A partir desses dados, fazer a análise do impacto de algumas ações de saúde. Como os reflexos da proibição da propaganda do cigarro, por exemplo. Os recursos de saúde são poucos. Os estudos epidemiológicos são indispensáveis para ver onde é preciso concentrar forças ou descartar fórmulas que não servem mais.

BARBOSA

PEDE

AGILIDADE

NO COMBATE